

QUINTO ATO

A cena representa uma clareira circundada por castanheiros num parque; dois pavilhões, quiosques ou tendas de jardim ficam à esquerda e à direita; no fundo há uma clareira ornada, com grama à frente. A cena está escura.

CENA I

[Fanchete, só, segurando numa mão dois biscoitos e uma laranja, e na outra uma lanterna de papel iluminada.]

FANCHETE – No pavilhão da esquerda, ele disse. É este. E se ele não vier! O meu papelzinho... E aquela gente ruim da dispensa, que não queria me dar dois biscoitos e uma laranja! Pra quem, senhorita? Ora essa, para alguém. Oh, nós sabemos. E daí? Será que é só porque o senhor Conde não quer vê-lo, ele tem que morrer de fome? Tudo isso acabou me custando um bom beijo na bochecha!... Quem sabe? Pode ser que ele me pague o

mesmo preço. [Vê Fígaro que vem examiná-la e grita.]
Ah!!! [Foge e entra no pavilhão da esquerda.]

CENA II

[Fígaro, com uma grande capa nas costas e um grande chapéu cobrindo o rosto, Basílio, Antônio, Bartolo, Rico-Pato, Girassol, um grupo de criados e de trabalhadores.]
FÍGARO [A princípio só.] – É Fanchete! [Olha todos os outros à medida que chegam e diz em tom gaiato.] Boa tarde, senhores! Boa noite, estão todos aqui?

BASÍLIO – Todos os que você pediu que viessem.

FÍGARO – Que horas são mais ou menos?

ANTÔNIO [Olhando o ar.] – A lua já devia ter aparecido!

BARTOLO – O que é que você está preparando? Isso tudo está com ar de conspiração!

FÍGARO [Agitado.] – Não foi para um casamento, pergunto eu, que os senhores se reuniram todos aqui no castelo?

RICO-PATO – Sem dúvida.

ANTÔNIO – Nós estávamos indo lá para o parque, esperar o sinal para a sua festa.

FÍGARO – Não precisam ir mais longe, senhores; é aqui sob os castanheiros que devemos todos comemorar a honesta noiva que eu desposo, e leal senhor que a destinou para si.

BASÍLIO [Lembrando-se dos acontecimentos do dia.] – Ah, já vi tudo. E garanto que o melhor é sair de perto; trata-se de um encontro, secreto, longe daqui eu conto tudo.

RICO-PATO – Nós voltamos já.

FÍGARO – Quando eu chamar, venham todos; e darei a mão à palmatória se o espetáculo não for de primeira!

BARTOLO – Lembre-se de que quem tem juízo não cria caso com gente importante.

FÍGARO – Eu me lembrarei.

BARTOLO – Sua posição lhe dá todos os trunfos contra nós.

FÍGARO – Isso sem contar com a espezteza, que o senhor esqueu. Mas é preciso não esquecer por outro lado que o homem tímido fica nas mãos de qualquer canalha.

BARTOLO – Sem dúvida.

FÍGARO – E que eu levo o nome de Buena Pinta, segundo a honrada chefe da minha casa, minha mãe.

BARTOLO – O que ele tem é o diabo no corpo.

RICO-PATO – Se tem.

BASÍLIO [À parte.] – O Conde e Susana se arranjaram sem mim, não é? Pois não me desagrada essa confusão que vamos ter.

FÍGARO [Aos criados.] – Quanto a vocês, seus canalhas, quando eu der ordem iluminem tudo por aqui; senão pela morte que eu queria ter em mim, se eu pego algum de vocês... [Sacode o braço de Girassol.]

GIRASSOL [Foge gritando e chorando.] – Aaaaaiiii, seu bruto danado!!

BASÍLIO [Saindo.] – Que o céu o mantenha feliz, senhor noivo! [Saem.]

CENA III

[Fígaro sozinho passeia no escuro e diz em tom mais sombrio:]

FÍGARO – Oh, mulher! mulher! mulher! criatura fraca e enxadonadora!... Não há animal na criação que possa fugir ao seu instinto; será então o seu o de enganar?... Depois de recusar-se obstinadamente a concordar quando eu

insisti diante da patroa; na hora em que me dá sua palavra; praticamente no meio da cerimônia... E o canailha ria enquanto lia! E eu feito um idiota... Não, senhor Conde, esta o senhor não pega... Mas não pega mesmo. Só porque é nobre o senhor fica pensando que também é gênio!... Nobreza, dinheiro, posição, palácios, dão muito convencimento! O que é que o senhor fez para merecer tudo isso? Deu-se apenas o trabalho de nascer e nada mais: fora isso, é um homem perfeitamente medíocre! Enquanto eu, raios me partam, perdido no meio da multidão obscura, tenho tido de usar mais ciência e cálculo só para não morrer do que foram aplicados nos últimos cem anos para governar todas as Espanhas; e o senhor quer medir forças comigo!... Vem gente!... é ela... não é ninguém. A noite está escura como um breu, e eu aqui a fazer o estúpido papel de marido, embora só esteja meio casado! [*Senta-se num banco.*] Haverá vida mais estranha do que a minha? Sem saber de quem era filho, fui roubado por bandidos e criado entre os seus costumes, mas aquilo me dava nojo e preferi fazer uma carreira honesta; pois tudo se pôe contra mim. Aprendo química, farmácia, cirurgia e o máximo que a proteção de um grande senhor consegue é me botar nas mãos um bisturi de veterinário! Cansado de fazer sofrer animais doentes, resolvo fazer justo o oposto, e me entrego de corpo e alma ao teatro: antes tivesse me enforcado de uma vez! Publico uma comédia sobre a vida no serralho; autor espanhol, pensei que nela podia desancar Maomé com vontade: imediatamente um representante... de não sei onde queixa-se que meus versos ofendem a Porta Sublime, a Pérsia, uma espécie de península da Índia, todo o Egipto, e os reinos de Barca, Trípoli, Túnis, Argélia e Marrocos: e a minha comédia é

queimada para agradar aos príncipes maometanos, dos quais acho que nenhum sabe ler e que nos assassinam pelas costas gritando: "cães cristãos!" Não podendo aviltar o espírito, vingam-se maltratando-o. Fiquei com a cara no chão sentindo que estava liquidado; eu já via ao longe o oficial de justiça, com a pena presa na peruca; mas, à última hora, consigo reagir. Nessa época houve uma polêmica a respeito da natureza das riquezas; e como não é necessário possuir uma coisa para discutí-la, sem um só tostão, escrevi a respeito do valor nominal e real do dinheiro e suas conseqüências nominais e reais. E imediatamente, do fundo de uma carruagem, vi baixar para mim a ponte de um castelo fortificado, à entrada do qual deixei a esperança e a liberdade. [*Levanta-se.*] Como eu gostaria de agarrar um desses poderosos bissexto, tão levianos na hora de ordenar o mal dos outros, quando uma boa desgraça lhes tiver quebrado o orgulho! Eu lhe diria... que as bobagens importantes só têm importância onde se lhes impede o curso normal; que, sem a liberdade para acusar, desaparece o elogio bajulador; e que só os menores têm medo dos escritos menores. [*Torna a se sentar.*] Cansados de almentar um pensionista obscuro, um dia botam-me de novo na rua; e como é preciso comer, mesmo não estando mais na prisão. Eu afio a minha pena e pergunto a uns e outros quais são as últimas; dizem-me que durante a minha vigeliatura econômica foi estabelecido em Madri um sistema de liberdade sobre venda de produtos, que se estende até mesmo aos da imprensa; e que desde que não fale, no que escrevo, nem das autoridades, nem da religião, nem de política, nem da moral, nem de quem ocupa cargos altos, nem de pessoas sacrossantas, nem da ópera, nem dos outros espetáculos,

nem de ninguém que tenha nada a ver com coisa nenhuma, posso imprimir livremente tudo o que quero, desde que inspecionado por dois ou três censores. Para gozar dessa doce liberdade, eu anuncio um periódico e, convencido de que não vou pisar nos calos de ninguém, intitulo-o *Journal Inútil*. Pois sim! Vejo levantarem-se imediatamente contra mim mil pobres diabos dizendo que lhes tirei o pão da boca; sou proibido, e lá estou eu de novo desempregado! Estava ficando desesperado; pensou-se em mim para um cargo, mas por azar eu era competente; precisava-se de um calculador, e o cargo foi dado a um bailarino. Só me restava roubar; fiz-me banqueiro de carteados; pois minha gente! passei a comer nos melhores restaurantes, e as pessoas ditas "bem" me abriram gentilmente suas casas... retendo para si três quartas partes do lucro. Eu podia ter subido realmente; cheguei mesmo a começar a compreender que para ganhar bem é mais importante saber levar do que saber. Mas, como todos roubavam à minha volta, exigindo que eu fosse honesto, mais uma vez me desgra-cei. De repente resolvi abandonar o mundo, e quando estava a ponto de me afogar, Deus Misericordioso me chama de volta à minha primeira profissão. Fui buscar meus velhos apetrechos, e depois, deixando os devaneios para os tolos, para que se alimentem deles, e abandonando a vergonha no meio do caminho, por ser muito pesada para quem anda à pé, fui de cidade em cidade fazendo barbas, conseguindo afinal viver sem preocupações. Um grande senhor passa por Sevilha; ele me reconhece, eu o caso; e como prêmio por ter conquistado com os meus esforços a sua esposa, ele agora quer interceptar a minha! Daí nascem tumultos. Pronto a cair no abismo, no momento de desposar minha própria

mãe, me aparece uma fila de pais. [*Levanta-se afoguedo.*] Fica aquela discussão: o senhor é ele, sou eu, é você, não, não somos nós, ué, mas então quem é? [*Cai sentado.*] É incrível! Como é que tudo isso foi acontecer comigo? Por que essas coisas, e não outras? Quem as terá metido na minha cabeça? Forçado a percorrer o caminho no qual entrei sem saber do mesmo modo que o deixaria sem querer, eu o junquei de tantas flores quantas a minha alegria me permitiu; mas ainda assim eu digo "a minha alegria" sem saber se ela me pertence mais do que o resto, e nem sequer quem seja esse "eu", de que eu falo: primeiro uma reunião disforme de partes desconhecidas; depois, um serzinho imbecil; um animalzinho estourado; um rapaz vibrando com a possibilidade do prazer, tendo tudo o que há de bom ainda para gozar, fazendo todos os ofícios para viver, senhor aqui, criado ali, segundo os caprichos da fortuna; ambicioso por vaidade, laborioso por necessidade, mas preguiçoso... com enorme volúpia! Orador segundo o perigo, poeta por desfastio, músico por conveniência, amante por acessos de desvario, já vi tudo, usei tudo. Depois a ilusão se desfez, e foi desmascarada... Susaninha, Susaninha, como você me atormenta!... são passos... vem gente. Chegou o momento da crise! [*Ele se afasta para o primeiro bastidor à direita.*]

CENA IV

[*Figaro, a Condessa, com vestido de Susana; Susana com o vestido da Condessa; Marcelina.*]
 SUSANA [*Baixo à Condessa.*] – Foi Marcelina quem me disse que Figaro estaria aqui.

MARCELINA – E está mesmo, abaixe a voz.

SUSANA – Quer dizer que um me escuta, e o outro vem me procurar. Pois então vamos começar!

MARCELINA – Vou me esconder no pavilhão para não perder uma palavra. [*Entra no pavilhão no qual entrou Fanchete.*]

CENA V

[*Figaro, a Condessa e Susana.*]

SUSANA [*Alto.*] – Madame está tremendo! Será que está com frio?

A CONDESSA [*Alto.*] – A noite está úmida; eu vou entrar.

SUSANA [*Alto.*] – Se madame não precisa de mim, eu vou apanhar um pouco de ar aqui sob estas árvores.

A CONDESSA [*Alto.*] – O que você vai é apanhar sereno.

SUSANA [*Alto.*] – Eu estou acostumada!

FÍGARO [*À parte.*] – Ao sereno! Eu sei!

[*Susana se esconde perto do bastidor; do lado oposto ao de Figaro.*]

CENA VI

[*Figaro, Querubino, o Conde, a Condessa e Susana. Figaro e Susana escondidos a cada lado na frente.*]

QUERUBINO [*Fardado de oficial, chega cantando alegremente a reprise da romança.*] – Lá, lá, lá, lá etc.

Eu tinha uma madrinha,

Que vivi a adorar.

A CONDESSA [*À parte.*] – O pequeno pajem!

QUERUBINO [*Pára.*] – Tem gente passeando aqui; deixa eu

ir rápido ao meu esconderijo, onde a pequena Fanchete... É uma mulher!!

A CONDESSA [*Escutando.*] – Meu Deus!

QUERUBINO [*Se abaixa, olhando de longe.*] – Será que eu me engano? Está escuro, mas acho que aquela forma é a da grinalda; parece que é a Susaninha.

A CONDESSA [*À parte.*] – Se o Conde chega! [*O Conde aparece ao fundo, Querubino aproxima-se e toma a mão da Condessa que se defende.*]

QUERUBINO – E é mesmo a encantadora jovem a quem chamam Susana. Eu não poderia me enganar com a doçura dessa mão, com esse tremor que a tomou, e menos ainda com as batidas do meu próprio coração! [*Ele tenta encostar no peito as costas da mão da Condessa; ela a retira.*]

A CONDESSA [*Baixo.*] – Vá-se embora!

QUERUBINO – Se a compaixão é que a conduziu propositamente a este canto do parque, onde estou escondido há tanto tempo...

A CONDESSA – Figaro vem aí.

O CONDE [*Avançando, à parte.*] – Não é Susana que estou vendo?

QUERUBINO [*À Condessa.*] – Não sinto o menor medo de Figaro, por que não é ele quem você está esperando.

A CONDESSA – Então, quem é?

O CONDE [*À parte.*] – Há alguém com ela.

QUERUBINO – É o senhor Conde, sua sapeca, que lhe pediu este encontro hoje de manhã, quando eu estava atrás da poltrona!

O CONDE [*À parte.*] – De novo aquele pajem infernal!

FÍGARO [*À parte.*] – É muito feio ficar escutando!

SUSANA [*À parte.*] – Linguarudo!

A CONDESSA [*Assustada.*] – O senhor ousa!...

QUERUBINO [*Afogueado.*] – Primeiro vinte beijos por você mesma, e depois mais cem para a sua bela patroa.

A CONDESSA – O senhor ousaria?

QUERUBINO – Claro que ousaria! Você toma o seu lugar ao lado do Conde; eu o do Conde ao seu lado; só quem sai perdendo é Fígaro!

FÍGARO [*À parte.*] – Cafajeste!

SUSANA [*À parte.*] – É audacioso como todo pajem!

[*Querubino quer beijar a Condessa. O Conde se mete entre os dois e recebe o beijo.*]

O CONDE [*Afastando-se.*] – Oh! Céus!

FÍGARO [*À parte escutando o beijo.*] – Mas com que boa bisca eu ia me casar! [*Escuta.*]

QUERUBINO [*Tateando as roupas do Conde, à parte.*] – É o senhor Conde!

[*Foge para o pavilhão onde entraram Fanchete e Marcelina.*]

CENA VII

[*Fígaro, o Conde, a Condessa e Susana.*]

FÍGARO [*Aproximando-se.*] – Eu vou...

O CONDE [*Pensando que fala ao pajem.*] – Já que não se repete o beijo... [*Pensa dar um tapa no pajem.*]

FÍGARO [*Que está perto, recebe-o.*] – Ai!!!

O CONDE – ...aqui fica a paga do primeiro!

FÍGARO [*À parte. Afastando-se e esfregando o rosto.*] – Não é só vantagens que se levam ouvindo a conversa dos outros!

SUSANA [*Rindo alto do outro lado.*] – Ah! ah! ah! ah!

O CONDE [*À Condessa, que toma por Susana.*] – Alguém pode compreender esse pajem? Leva uma bofetada desas e foge morrendo de rir.

FÍGARO [*À parte.*] – Ele nunca quer saber como eu estou me sentindo!

O CONDE – Eu não posso dar um passo... [*À Condessa.*] Mas esqueçamos essas esquisitices; elas envenenariam o prazer que sinto em encontrá-la aqui.

A CONDESSA [*Imitando a voz de Susana.*] – O senhor me esperava?

O CONDE – Depois do seu bilhete engenhoso! [*Toma-lhe a mão.*] Você está trêmula?

A CONDESSA – Eu estava com medo.

O CONDE – Não foi para privá-la do beijo que eu o recebi.

[*Ele a beija na testa.*]

A CONDESSA – Que liberdades são essas?

FÍGARO [*À parte.*] – Sem-vergonha!

SUSANA [*À parte.*] – Que bonito!

O CONDE [*Tomando a mão de sua mulher.*] – Mas que pele fina e suave; a Condessa precisava ter uma mão bela assim!

A CONDESSA [*À parte.*] – Que prevenção!

O CONDE – Quem dera a ela um braço assim tão firme e roliço, e dedos assim tão cheios de graça e vivacidade...

A CONDESSA [*Com a voz de Susana.*] – É assim o amor?

O CONDE – O amor... não é mais do que a ficção do coração; o prazer é que é a sua história; ele é quem me trouxe aos seus pés.

A CONDESSA – O senhor não a ama mais?

O CONDE – Eu a amo muito, porém, três anos de união tornam o casamento tão respeitável!

A CONDESSA – O que é que o senhor desejaria dela?

O CONDE [*Acariciando-a.*] – O que encontro em você, meu encanto...

A CONDESSA – Mas diga...

O CONDE – Não sei: menos sempre a mesma coisa, um

paga do direito que não terei mais a partir do delicioso momento no qual você mo concede. Porém, como a graça que você se digna a emprestar-lhe não tem preço, eu acrescento este brilhante, que você usará por amor a mim.

A CONDESSA [*Fazendo uma reverência.*] – Susana aceita tudo.

FÍGARO [*À parte.*] – É impossível ser mais sem-vergonha!
 SUSANA [*À parte.*] – Ai, mas isso está rendendo muito bem!
 O CONDE [*À parte.*] – Ela está interessada. Tanto melhor!
 A CONDESSA [*Olhando para o fundo.*] – Estou vendo luzes.
 O CONDE – São os preparativos do seu casamento. Vamos entrar por um momento num desses pavilhões, para deixá-los passar?

A CONDESSA – Sem luz?

O CONDE [*Conduzindo-a docemente.*] – Para que luz? Nós não vamos ler nada.

FÍGARO [*À parte.*] – E ela vai mesmo! Raios! Eu juro que não acreditava. [*Avança.*]

O CONDE [*Engrossando a voz ao virar-se.*] – Quem passa?

FÍGARO [*Furioso.*] – Passa? Eu vim de propósito.

O CONDE [*Baixo. À Condessa.*] – É Fígaro!... [*Foge.*]

A CONDESSA – Vou segui-lo. [*Ela entra no pavilhão da direita, enquanto que o Conde se perde no bosque ao fundo.*]

CENA VIII

[*Fígaro e Susana no escuro.*]

FÍGARO [*Procura ver aonde vão o Conde e a Condessa, que ele toma por Susana.*] – Não escuto mais nada; entram; e eu plantado aqui. [*Em outro tom.*] E os senhores

pouco mais de provocação em sua maneira; um não sei o quê faz o encanto; às vezes uma recusa, que sei eu? As nossas mulheres pensam que amar o marido é bastante: dito isso mais uma vez, elas nos amam, nos amam, (quando nos amam.) e são tão cordatas, e tão constantemente obedientes, sempre, sem parar, que um belo dia temos a surpresa de termos encontrado a saciedade onde buscávamos a felicidade.

A CONDESSA [*À parte.*] – Ah, que lição!

O CONDE – Na verdade, Susaninha, eu já pensei mil vezes que se nós buscamos em outros lugares esse prazer que nos escapa junto delas, é porque elas não estudam suficientemente a arte de manter vivo o nosso gosto, de se renovar no amor, de fortalecer, por assim dizer, o encanto da posse com o da variedade.

A CONDESSA [*Provocada.*] – Quer dizer que cabe a elas tudo?...

O CONDE – E ao homem nada? Será que nós podemos mudar a marcha da natureza? A nossa tarefa foi a de conquistá-las; a delas...

A CONDESSA – A delas?...

O CONDE – É a de nos prender; disso é que muita gente se esquece.

A CONDESSA – Eu nunca o farei.

O CONDE – Nem eu.

FÍGARO [*À parte.*] – Nem eu.

SUSANA [*À parte.*] – Nem eu.

O CONDE [*Toma a mão da esposa.*] – Parece que aqui há eco. Falemos mais baixo. Mas isso não é problema para você, a quem o amor fez tão viva e tão bonita! Basta querer para ser a mais provocante das amantes! [*Ele beija-lhe a frente.*] Minha Susana, um castelhana tem uma só palavra. Aqui está todo o ouro prometido em

marridos trapalhões, que mantêm espíões pagos e se remóem durante meses a fio por causa de uma suspeita, sem resolvê-la? Por que não me imitam? Desde o primeiro dia eu sigo a minha mulher, e escuto suas conversas; com um pequeno golpe estamos diante de uma certeza: é sensacional; nada mais de dúvidas; a gente sabe o que tem de enfrentar. [*Camilha vivamente.*] Felizmente, o assunto não me preocupa mais, e sua traição não me afeta de todo. Estão nas minhas mãos!

SUSANA [*Que se adiantou silenciosamente na escuridão, à parte.*] – Você vai pagar caro pela sua desconfiança. [*No tom da Condessa.*] Quem vem lá?

FÍGARO [*Extravagante.*] – Quem vem lá? Alguém que gostaria muito de ter morrido de peste ao nascer...

SUSANA [*No tom da Condessa.*] – Oh! mas é... Fígaro!

FÍGARO [*Olha e diz vivamente.*] – Senhora Condessa!

SUSANA – Fale baixo.

FÍGARO [*Rápido.*] – Ah, madame, foi o céu que a mandou aqui agora! Onde cre que esteja o senhor Conde?

SUSANA – E que me importa aquele ingrato?

FÍGARO [*Mais rápido.*] – E Susana, minha noiva, onde cre que *ela* esteja?

SUSANA – Mas fale baixo!

FÍGARO [*Muito rápido.*] – Aquela Susaninha que nós julgávamos tão virtuosa, que se fazia tão recatada! Estão trancados ali dentro. Vou chamá-los.

SUSANA [*Tapando-lhe a boca com a mão, esquece de mudar de voz.*] – Não chama não.

FÍGARO [*À parte.*] – Ora, é Susaninha! *God-dam!*

SUSANA [*No tom da Condessa.*] – Você parece inquieto.

FÍGARO [*À parte.*] – Mas que tratante! É uma armadilha!

SUSANA – Precisamos nos vingar, Fígaro.

FÍGARO – A senhora quer vingar-se mesmo?

SUSANA – A vingança não é do meu sexo! Mas os homens têm cem meios de fazê-lo.

FÍGARO [*Confidencialmente.*] – Madame, não há ninguém mais aqui por perto. O método das mulheres... vale por todos.

SUSANA [*À parte.*] – Que vontade de lhe dar uma bofetada!

FÍGARO [*À parte.*] – Seria muito engraçado que antes do casamento...

SUSANA – Mas o que vale uma tal vingança quando ela não é temperada com um pouco de amor?

FÍGARO – Se há aqui alguém em quem a senhora nunca o tenha sentido, é porque está dissimulado pelo respeito.

SUSANA [*Irritada.*] – Não sei se o pensamento foi de boa fé, mas a maneira de expressá-lo é de mau gosto.

FÍGARO [*Com um ar tor cômico, de joelhos.*] – Ah, madame, eu a adoro. Pense no momento, no lugar, nas circunstâncias, e deixe com que o seu despeito compense em si tudo o que falta em graça aos meus rogos.

SUSANA [*À parte.*] – Minha mão está comichando!

FÍGARO [*À parte.*] – Meu coração palpita!

SUSANA – Mas será que o senhor sonhou...

FÍGARO – Sim, madame, eu sonhei.

SUSANA – Que por cólera e amor...

FÍGARO – Desaparecem todas as diferenças. A sua mão, madame!

SUSANA [*Em sua própria voz e dando-lhe uma bofetada.*] – Aí está ela!

FÍGARO – Diabo! Mas que bofetão!

SUSANA [*Dando-lhe outro.*] – Que bofetão? Este?

FÍGARO – E ainda mais essa? Mas que diabo! Hoje tiraram o dia para os bofetões?

SUSANA [*Batendo a cada frase.*] – E ainda mais essa, Susana? Pois toma lá pelas suas suspeitas; e por suas vin-

ganças, e suas traições, seus expedientes, suas injúrias e os seus planos. Então isso é que é amor, como hoje de manhã?

FIGARO [*Ri-se ao levantar-se.*] — Por Santa Bárbara! É isto que é amor? Que felicidade! Que delícia! Oh, Fígaro cem vezes feliz! Bate, minha querida, sem cansar. Mas quando já tiver deixado todo o meu corpo roxo de pancada, olhe com bondade, minha Susaninha, o homem mais sortudo que já apanhou de uma mulher.

SUSANA — O mais sortudo! Seu sem-vergonha, nem por isso você deixou de seduzir a Condessa com uns sussurros tão envolventes que, esquecendo-me de mim mesma, era por ela que eu cedia.

FIGARO — E você acha que eu poderia confundir o tom de sua linda voz?

SUSANA [*Rindo.*] — Você me reconheceu? Ah, mas espera só a minha vingança!

FIGARO — Bater muito e ainda guardar rancor é bem coisa de mulher! Mas agora explique como é que eu tenho a sorte de ver você aqui quando pensava que estava com ele; e como é que esses trajés, que me enganavam, acabam por provar sua inocência?

SUSANA — Você que é um inocente, de vir cair na armadilha que foi armada para outro! É nossa culpa de ter querido apanhar uma raposa e apanharmos duas!

FIGARO — E quem é que apanha a outra?

SUSANA — A mulher dele.

FIGARO — A mulher dele?

SUSANA — A mulher dele.

FIGARO [*Louco.*] — Ora, Fígaro, é melhor você se enforcar! Essa você nem desconfiou! Não há limite para o espírito das mulheres! Quer dizer que os beijos no jardim...

SUSANA — Foram dados na patroa.

FIGARO — E o do pajem?

SUSANA [*Rindo.*] — No patrão.

FIGARO — Antes, atrás da poltrona?

SUSANA — Em ninguém.

FIGARO — Tem certeza?

SUSANA [*Rindo.*] — Olhe que chove bofetão, Fígaro.

FIGARO [*Beijando-lhe as mãos.*] — Os seus eram jóias! Mas o do Conde foi pra valer!

SUSANA — Vamos, orgulhoso, humilhe-se.

FIGARO [*Fazendo tudo o que diz.*] — É justo: de joelhos, muito curvado; prosternado; de barriga no chão.

SUSANA [*Rindo.*] — Ah, coitado do Conde! Teve tanto trabalho...

FIGARO [*Levanta-se até ficar de joelhos.*] — ...para conquistar a própria mulher!

CENA IX

[*O Conde entra pelo fundo e vai direto para o pavilhão da direita; Fígaro e Susana.*]

O CONDE [*Para si mesmo.*] — Procurei em vão no bosque; é possível que ela tenha entrado aqui.

SUSANA [*A Fígaro. Baixo.*] — É ele.

O CONDE [*Abrindo a porta do pavilhão.*] — Susaninha, você está aí?

FIGARO [*Baixo.*] — Ele a procura, e eu pensava...

SUSANA [*Baixo.*] — Ele não a reconheceu.

FIGARO [*Beija-lhe as mãos.*] — Vamos dar o golpe de misericórdia?

O CONDE [*Voltando-se.*] — Um homem aos pés da Condessa!... E eu estou desarmado! [*Avança.*]

FIGARO [*Levanta-se imediatamente e altera a voz.*] — Per-

dão, madame, por não ter me lembrado que o nosso local de encontro de sempre estava reservado para o casamento.

O CONDE [À parte.] – É o homem do gabinete de hoje de manhã. [Bate na testa.]

FÍGARO [Continua.] – Mas ninguém poderá dizer que um obstáculo tão bobo quanto esse tenha impedido nosso prazer...

O CONDE [À parte.] – Massacre! Morte! Inferno!

FÍGARO [Conduzindo-a ao pavilhão, baixo.] – Está praguejando! [Alto.] Apressemo-nos, madame, para recuperar o que perdemos quando eu saltei pela janela...

O CONDE [À parte.] – Ah, tudo está descoberto, afinal.

SUSANA [Perto do pavilhão.] – Antes de entrarmos, veja se ninguém nos seguiu. [Ele a beija na testa.]

O CONDE [Gritando.] – Vingança!

[Susana foge para o pavilhão onde entraram Fanchete, Marcelina e Querubino.]

CENA X

[O Conde e Fígaro.

O Conde agarra o braço de Fígaro.]

FÍGARO [Fingindo um pavor exagerado.] – Oh! é o meu patrão!!

O CONDE [Reconhecendo-o.] – Ah! Celerado! É você! Olá! Aqui! Socorro!!

CENA XI

[Pedrilho, o Conde e Fígaro.]

PEDRITO [De botas.] – Patrão, até que enfim o encontro!

O CONDE – Bom, é Pedrito. Você está sozinho?

PEDRITO – Chegando de Sevilha, com o cavalo morto!

O CONDE – Aproxime-se e grite bem alto.

PEDRITO [Gritando de arrebrantar os ouvidos.] – Nem pajem nem meio pajem! Está aqui a encomenda!

O CONDE [Empurrando-o.] – Animal!

PEDRITO – O senhor não me disse para gritar?

O CONDE [Sempre segurando Fígaro.] – Para chamar. – Olá!

Quem está aí? Quem estiver me ouvindo, venha logo!

PEDRITO – Fígaro e eu já fazemos dois! O que é que pode acontecer ao senhor?

CENA XII

[Os atores precedentes; Rico-Pato; Bartolo; Basílio; Antônio; Girassol; todos os convidados do casamento, com archotes.]

BARTOLO [A Fígaro.] – Você viu que ao seu primeiro sinal...

O CONDE [Mostrando o pavilhão à sua esquerda.] – Pedrito, encarregue-se daquela porta. [Pedrilho vai.]

BASÍLIO [A Fígaro.] – Você o apanhou com Susana?

O CONDE [Mostrando Fígaro.] – E os senhores todos, meus vassallos, cerquem-me esse homem, pelo qual responderão com a vida.

BASÍLIO – Ah, ah!

O CONDE – Cale-se! [A Fígaro em tom glacial.] O senhor cavalheiro vai responder às minhas perguntas?

FÍGARO [Friamente.] – Como poderia deixar de fazê-lo, se-

O CONDE [*Furioso.*] – Pois então, já que sua desonra é pública, é preciso que a vingança também a seja. [*Entra no pavilhão.*]

CENA XIII

[*Todos os atores precedentes meios o Conde.*]

ANTÔNIO – É isso mesmo.

RICO-PATO [A *Figaro.*] – Mas afinal, quem é que tomou a mulher do outro?

FIGARO [*Rindo.*] – Nenhum dos dois teve tal prazer.

CENA XIV

[*Os atores precedentes, o Conde, Querubino.*]

O CONDE [*Falando dentro do pavilhão e arrastando alguém que ainda não podemos ver.*] – Todos os seus esforços são inúteis! A senhora está perdida, madame, e sua hora chegou. [*Sai sem olhar.*] Que felicidade que não tenha havido nenhuma prole de uma união tão detestável!...

FIGARO [*Grita.*] – Querubino!

O CONDE – O meu pajem!

BASÍLIO – Ah, ah, ah.

O CONDE [*Fora de si, à parte.*] – Sempre o diabo do pajem! [*A Querubino.*] O que é que o senhor estava fazendo lá dentro?

QUERUBINO [*Timidamente.*] – Me escondendo, como o senhor mandou.

PEDRITO – Agora vê se valeu a pena assassinar um cavalo! O CONDE – Entre lá, Antônio; e conduza ante o seu juiz a infame que me desonrou.

nhor Conde? Aqui o senhor tem controle de tudo, meus de si mesmo.

O CONDE [*Contendo-se.*] – Menos de mim mesmo!...

ANTÔNIO – Assim é que se fala!

O CONDE [*Retornado de raiva.*] – Não; se alguma coisa ainda pudesse aumentar o meu furor, é o ar de calma que ele assume.

FIGARO – Seremos nós soldados, para matar e nos deixarmos matar por interesse que ignoramos? Eu, pessoalmente, quero saber por que me aborreço.

O CONDE [*Fora de si.*] – Miséria! [*Contendo-se.*] Honrado cavalheiro que se finge de bobo, poderia o senhor fazer-nos pelo menos o favor de nos dizer quem é a dama que o senhor levou para esse pavilhão?

FIGARO [*Mostrando o outro com malícia.*] – Para esse?

O CONDE [*Rápido.*] – Para este.

FIGARO [*Friamente.*] – Ah, isso é diferente. Trata-se de uma jovem que me honra com seus favores particulares.

BASÍLIO [*Espantado.*] – Ah, ah!

O CONDE [*Rápido.*] – Os senhores o ouviram, meus senhores?

BARTOLO [*Espantado.*] – Ouvimos.

O CONDE [A *Figaro.*] – E essa jovem tem algum outro compromisso, que o senhor saiba?

FIGARO [*Friamente.*] – Eu sei que um grande senhor interessou-se por ela durante algum tempo; mas seja por que ele a negligenciou, ou seja porque eu lhe agrade mais do que um outro mais fidalgo, hoje em dia ela me dá a sua preferência.

O CONDE [*Vivamente.*] – Sua pref... [*Contendo-se.*] Pelo menos ele é sincero; porque isso que ele confessa, meus senhores, eu o ouvi, eu lhes juro, da boca da sua cúmplice.

RICO-PATO [*Estupefato.*] – Sua cúmplice!

RICO-PATO – É a Condessa que o senhor busca lá dentro?
 ANTÔNIO – A Providência tarda mas não falha! Tantas o
 senhor fez aí pelas...
 O CONDE [*Furioso.*] – Entre logo!

CENA XV

[*Os atores precedentes menos Antônio.*]
 O CONDE – Os senhores agora irão ver que o pajem não
 estava lá sozinho.
 QUERUBINO [*Timidamente.*] – Meu destino seria cruel de-
 mais se não houvesse alguma alma boa que lhe adoças-
 se a amargura.

CENA XVI

[*Os atores precedentes, Antônio, Fanchete.*]
 ANTÔNIO [*Puxando pelo braço alguém que ainda não ve-
 mos.*] – Vamos, madame, não se faça de rogada para
 sair, pois todos já sabem que entrou.
 BASÍLIO – Ah, ah, ah, ah!
 O CONDE – Fanchete!
 ANTÔNIO [*Vira-se e grita.*] – Pelas chagas de Cristo! O pa-
 trão é muito pândego de me escolher para mostrar a to-
 dos que foi a minha filha quem criou toda essa encrenca!
 O CONDE [*Ofendido.*] – E quem é que sabia que ela estava
 lá dentro? [*Quer entrar.*]
 BARTOLO [*Antepondo-se a ele.*] – Permita-me, senhor Con-
 de; mas já está tudo muito confuso. Eu sou o próprio
 sangue-frio. [*Entra.*]
 RICO-PATO – Nunca vi tamanha embrulhada.

CENA XVII

[*Os atores precedentes e Marcelina.*]
 BARTOLO [*Falando de dentro e saindo.*] – Não tema nada,
 senhora. Não lhe será feito nenhum mal, eu respondo
 por isso. [*Ele se volta e grita.*] Marcelina!
 BASÍLIO – Ah, ah, ah.
 FIGARO [*Rindo.*] – Mas que loucura, minha mãe estava lá?
 ANTÔNIO – Pior para ela!
 O CONDE [*Ofendido.*] – E o que importa? A Condessa...

CENA XVIII

[*Os atores precedentes; Susana, com o leque cobrindo
 o rosto.*]
 O CONDE – ...ah! Lá vem ela saindo. [*Agarra-a violenta-
 mente pelo braço.*] O que julgam os senhores que me-
 reça essa odiosa... [*Susana se atira de joelhos, de ca-
 beça baixa.*] Não, não! [*Figaro atira-se de joelhos do
 outro lado.*] Não, não! [*Mais alto.*] [*Todos se ajoelham,
 menos Rico-Pato.*] Nem que fossem cem! [*Fora de si.*]

CENA XIX

[*Todos os atores precedentes. A Condessa sai do outro
 pavilhão.*]
 A CONDESSA [*Caindo de joelhos.*] – Pelo menos eu faço
 número.
 O CONDE [*Olhando a Condessa e Susana.*] – O que é que
 eu estou vendo?
 RICO-PATO [*Rindo.*] – Valha-me Deus, é a Condessa!

O CONDE [Tentando erguer a Condessa.] – O quê? Era a senhora, Condessa? [Em tom de súplica.] Só mais o generoso dos perdões...

A CONDESSA [Rindo.] – Em meu lugar o senhor diria “Não, não!”, enquanto eu, pela terceira vez hoje, o concedo incondicionalmente. [Levanta-se.]

SUSANA [Levantando-se.] – E eu também.

MARCELINA [Levantando-se.] – E eu também.

FÍGARO [Levantando-se.] – E eu também. Aqui há eco! [Todos levantam.]

O CONDE – Eco! Eu querendo fazer uma brincadeira com eles; e eles me trataram como se fosse criança!

A CONDESSA [Rindo.] – Não o lamente, senhor Conde.

FÍGARO [Limpendo os joelhos com o chapéu.] – Um dia como este é muito bom treino para embaixador!

O CONDE [À Susana.] – Aquele bilhete fechado com um alfinete?...

SUSANA – Foi a patroa que ditou.

O CONDE – A resposta lhe é bem devida. [Beija a mão da Condessa.]

A CONDESSA – Todos terão aquilo que merecem. [Entrega a bolsa a Fígaro e o brilhante à Susana.]

SUSANA [A Fígaro.] – Mais um dote!

FÍGARO [Batendo com a mão na bolsa.] – Agora são três! Mas este foi difícil de conseguir.

SUSANA – Como o nosso casamento.

GIRASSOL – E nós, vamos ganhar a liga da noiva?

A CONDESSA [Arranca a fita que guardara bem no seio e a atira por terra.] – A liga? Estava junto com as suas roupas. Ei-la aqui! [Os rapazes que vieram à festa tentam pegá-la.]

QUERUBINO [Mais alerta, corre, apanha-a e diz.] – Quem a quiser que venha disputá-la comigo!

O CONDE [Rindo, ao pajem.] – Para um senhor tão sensível, o que é que lhe pareceu tão divertido numa certa bofetada ainda a pouco?

QUERUBINO [Recua e puxa a meio a espada.] – Em mim, meu coronel?

FÍGARO [Com cólera cômica.] – Foi a minha bochecha que a recebeu; é assim que os grandes fazem justiça!

O CONDE [Rindo.] – Na sua... ah, ah, ah! o que pensa disso, minha Condessa?

A CONDESSA [Absorta, volta a si e diz com sensibilidade.] – Ah, sim, senhor Conde, e para o resto da vida, sem cessar, eu lhe juro!

O CONDE [Batendo no ombro do juiz.] – E o senhor, Rico-Pato. Qual é a sua opinião agora?

RICO-PATO – So-obre o que vejo, senhor Conde?... Po...or Deus, quanto a mim não sei o que dizer: é isso o que penso.

TODOS – Bela sentença!

FÍGARO – Eu era pobre, e todos me desprezavam. Demontrei um pouco de espírito e só desencadeei ódios. Uma mulher bonita e uma fortuna...

BARTOLO [Rindo.] – Todos acorrerão com corações transbordantes!

FÍGARO – Será possível?

BARTOLO – Eu bem os conheço.

FÍGARO [Cumprimentando os espectadores.] – Deixando de lado minha mulher e minha fortuna, espero que todos me dêem esse prazer.
[Toca-se o estribilho do vaudeville.]

BASÍLIO –

Dote triplo, mulher bela,
Quantos bens isto resume

De nobre e pajem magrela
 O tolo terá ciúme
 De um ditado a que dá trela
 Tira a lição o sabido
 FÍGARO – Sei. Feliz é o bem-nascido
 BARTOLO – Não. Feliz é o bem-nutrido.

2. SUSANA –
 Que um marido os votos traia
 Causa riso e gabação
 Mas mulher que nisso caia
 Só compra condenação
 Dessa injustiça
 A razão eu vos direi
 O mais forte faz a lei. [Bis.]

3. FÍGARO –
 João, um ciumento risível
 Quer ter mulher e descanso
 Compra um cão brabo, terrível
 Pra impedir qualquer avanço
 À noite, que ruído horrível!
 O cão a todos mordeu
 Salvo o amante que o vendeu. [Bis.]

4. A CONDESSA –
 Uma é vaidosa e declara
 Que não mais ama o marido
 A infiel, com astúcia rara
 Diz que ele é sempre querido
 A menos louca é a que encara
 Com gelo a palavra dada
 E não ousa jurar nada. [Bis.]

5. O CONDE –
 Das mulheres do interior
 Cuidadosas de seus lares
 O sucesso é bem menor:
 Viva a mulher de bons ares!
 Sob o escudo protetor
 Do marido que a defende
 Serviços a todos rende. [Bis.]

6. MARCELINA –
 Cada um de nós conhece
 A mãe que ao nascer lhe cabe
 No resto o mistério cresce
 São segredos que o amor sabe
 FÍGARO – [Continuando.]
 Esse segredo esclarece
 Como no filho de um pobre
 Pode correr sangue nobre.

7. FÍGARO –
 Por sorte no nascimento
 Um é rei, outro é pastor
 Só se muda com o talento
 Esse acaso enganador
 Reis que o mundo admira, atento,
 Somem sem deixar sinal
 Mas Voltaire é imortal.

8. QUERUBINO –
 Sexo fraco, sexo amado
 Que fazes nosso tormento
 O que te diz detestado
 Vai render-se num momento

O aplauso é assim desejado
 Quem parece desdenhá-lo
 Faz tudo para conquistá-lo.

9. SUSANA -

E esta peça prazenteira
 Traz em si boa lição
 Vêde que com a brincadeira
 Fez-se justiça à razão
 A natureza matreira
 Nós leva, com o bem-querer,
 A seus fins pelo prazer.

10. RICO-PATO -

Esta farsa divertida
 Que aqui foi apresentada
 Salvo erro, pinta a vida
 Do povo que paga entrada
 Essa gente, se oprimida
 Protesta com muita emoção
 E tudo acaba em canção. [Bis.]

BEAUMARCHAIS

OBRAS DRAMÁTICAS

Antes de suas atividades teatrais mais conhecidas, Pierre-Augustin Caron de Beaumarchais escreveu, entre 1760 e 1765, um grupo de pequenas farsas que eram, primeiro, montadas na casa do marido de Mme. De Pompadour e, a seguir, nos Teatros de Feira. Esse grupo recebe o título genérico de "Parades".

- 1767 *Eugénie* (Eugênia).
 1770 *Les deux amis* ou *Le négociant de Lyon* (*Os Dois Amigos* ou *O Negociante de Lyon*).
 1772 *Le barbier de Séville* ou *La précaution inutile* (*O Barbeiro de Sevilha* ou *A Precaução Inútil*).
 1775 *La folle journée* ou *Lé mariage de Figaro* (*Um Dia de Loucura* ou *As Bodas de Figaro*).
 1787 *Tarare* (*Tarare*), libreto.
 1792 *La mère coupable* ou *L'autre Tartuffen* (*A Mãe Culpada* ou *O Outro Tartufo*).

Sulivan Antonio Bressan

Links para
Outras Bases:
Diretório de grupos de
pesquisa

CURRICULUM VITAE SULIVAN ANTONIO BRESSAN DADOS PESSOAIS ENDEREÇO: Av. Cristiano Fischer, 1168 Jardim do Salso Porto Alegre CEP 91410-000 TELEFONES: 3334-9146 (Residencial) FILIAÇÃO: Santos Ambrosio Bressan Azenir Sombrio Bressan ESTADO CIVIL: Solteiro DATA DE NASCIMENTO: 23/02/1975 NACIONALIDADE: Brasileira NATURAL DE: Porto Alegre/RS DADOS DOCUMENTAIS CARTEIRA DE IDENTIDADE: 1056664591/SSP/RS CARTEIRA PROFISSIONAL: 19.298 SÉRIE 00044/RS EXP.: 09/08/1993 CPF: 922.973.900/68 TÍTULO ELEITORAL: 0635011904/85 ZONA: 159 SEÇÃO: 0375 CERTIFICADO DE RESERVISTA: C.D.I. 08050 349521 2 CATEGORIA: EXCESSO DO CONTINGENTE FORMAÇÃO NÍVEL SUPERIOR : UFRGS CIDADE: Porto Alegre/RS PERÍODO: 2000 a 2005 CURSO: LETRAS, LICENCIATURA EM PORTUGUÊS E LITERATURAS DA LÍNGUA PORTUGUESA. OUTROS CURSOS: - CURSO: MÚSICA, HABILITAÇÃO EM COMPOSIÇÃO (não concluído). ENTIDADE: UFRGS ANO: 1999 DURAÇÃO: 2 SEMESTRES - CURSO INTENSIVO DE VIOLINO COM JORGE RIZI. ENTIDADE: CONSERVATORIO DE MONTEVIDEO. ANO: 1996 DURAÇÃO: QUINZE DIAS. ATIVIDADES PROFISSIONAIS: - BALCONISTA DE VIDEO LOCADORA ENTIDADE: VIDEO REC. ENDEREÇO: AV. CRISTIANO FISCHER, 1168. DURAÇÃO: 5 ANOS. - PROFESSOR DE MÚSICA ENTIDADE: ARTE E MÚSICA MIRANDA ENDEREÇO: RUA SARMENTO LEITE 1082/305. DURAÇÃO: DE 1997 ATÉ HOJE (Texto informado pelo autor)

Última atualização do currículo em 29/11/2008

Endereço para acessar este CV:

<http://lattes.cnpq.br/2544853138777480>



Certificado
pelo autor em
29/11/08

Dados pessoais

Nome Sulivan Antonio Bressan
Nome em citações bibliográficas BRESSAN, S. A.
Sexo Masculino
Endereço profissional Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Deifos,
Av Ipiranga, 6681
partenon
90619-000 - Porto Alegre, RS - Brasil
Telefone: (51) 33203500
URL da Homepage: www.pucrs.br

Formação acadêmica/Titulação

2007 Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Letras.
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUC RS, Brasil.
Título: Drama em pauta: Beaumarchais e Lorenzo da Ponte, um estudo intertextual do Figaro. *Orientador:* Luiz Antonio de Assis Brasil.
Bolsista do(a): Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, Brasil.

Atuação profissional

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUC RS, Brasil.

Vínculo institucional

2007 - Atual Vínculo: bolsista da CAPES. Enquadramento Funcional: bolsista. Carga horária: 10

Áreas de atuação

Prêmios e títulos

2007 8º Habitasul Revelação Literária na Feira do Livro, Paço Habitasul
2007 Prêmio Artur Engrácio, Prefeitura de Manaus.

Produção em C, T & A

Produção bibliográfica

Livros publicados/organizados ou edições

1. ★ BRESSAN, S. A. . Jeca, o estrebuchador; a versão brasileira de Jack, o Estripador. 1. ed. Porto Alegre: produção independente, 2005. v. 1000. 208 p.

Capítulos de livros publicados

1. BRESSAN, S. A. . Guerrinha de Papel. In: Luiz Antonio de Assis Brasil. (Org.). Pedra, papel e tesoura. 1 ed. Porto Alegre: Bestiário, 2008, v. unico, p. 156-158.
2. Augusto Machado Paim ; Aloísio Zimmer Júnior ; Andréa Farias ; BRESSAN, S. A. ; Carolina Albuquerque ; Daniel Braga ; Daniel Mendelski ; Edson Roig Maciel ; FEROGA, ; Leonardo Tricot Saldanha ; Robertson Frizero Barros ; Rubem Penz ; Sérgio da Costa Brito ; Sullivan Bressan ; Tiago Thomé de Oliveira ; Valdomiro Santos Martins . O Trabalho de Pedro. In: Luiz Antonio de Assis Brasil. (Org.). Pedra, papel e tesoura. 1 ed. Porto Alegre: Bestiário, 2008, v. unico, p. 62-64.
3. Augusto Machado Paim ; Aloísio Zimmer Júnior ; Andréa Farias ; BRESSAN, S. A. ; Carolina Albuquerque ; Daniel Mendelski ; Daniel Braga ; Edson Roig Maciel ; FEROGA, ; Leonardo Tricot Saldanha ; Robertson Frizero Barros ; Rubem Penz ; Sérgio da Costa Brito ; Tiago Thomé de Oliveira ; Valdomiro Santos Martins . A Pedra e o Papel. In: Luiz Antonio de Assis Brasil. (Org.). Pedra, Papel e Tesoura. 1 ed. Porto Alegre: Bestiário, 2008, v. único, p. 113-115.
4. Alcir Nicolau Pereira ; Aline Cristófoli ; Amanda de Oliveira Batista ; Ana Carla Schmitt ; Ana Luiza Rodriguez Antunes ; André Dornelles Pares ; Bruna Machado ; Camila Kunzler ; Carolina Wudich ; Caroline Manfroí ; Cintia Pereira de Souza ; Cláudio Luis Wolf ; Dadjá Medeiros de Souza ; Daphne Endress Mahfuz ; Diego Nery ; Domenicca Felício Storck ; Evelyn Burille ; Fabiana de Brito ; Felipe Neiva ; Fernanda Chemin ; Fernanda Miraflores ; Giovanni de Oliveira Andrade ; Guiomar Sleimon ; Hee ; Henrique Petiz Caetano ; Jederson Ribeiro ; Jualliana Trein ; Leonardo Degar Gross ; Leonardo Schneider ; Loreni Domingos Dalabilla ; Luciano Mattiueila ; Marcelo Nunes ; Mariane Farias de Oliveira ; Mayla Fagundes ; Milena Lenz ; MINUZZI, A. R. G. ; Pablo Morenno ; Pedro Menezes ; Rafael Reginato Moura ; Rita Swartz ; Solange Almeida ; Suzana Borges da Fonseca Bins ; Victoria Brow Borges ; BRESSAN, S. A. . Necrofilia. 8º Habitasul Revelação Literária da Feira. 1 ed. Porto Alegre: Habitasul, 2008, v. 8º, p. 91-92.

Produção técnica**Demais tipos de produção técnica**

1. ★ BRESSAN, S. A. . As sete maravilhas do mundo antigo. 2007. (Maquete).